



FOCUS GROUP COMO TÉCNICA DE PESQUISA SOBRE A CIRCULAÇÃO MIDIÁTICA DE AGRESSIVIDADE EM ADOLESCENTES: A CONSTRUÇÃO DE UM CASO.

*Bantu Mendonça Katchipwi Sayla*¹

Palavras-chave: circulação, agressividade, adolescentes, práticas sociais

Este resumo configura-se como processo tentativo metodológico de construção de caso da pesquisa em andamento, a cerca da circulação de agressividade entre adolescentes angolanos que consomem conteúdo violento na Internet. Para a constituição deste caso criaremos o Focus Group composto por 80 adolescentes. O nosso objetivo é construir um dispositivo interacional (BRAGA, 2012) que nos permita recolher marcas que nos permitam construir inferências sobre as práticas, as narrativas comunicativas e as interpenetrações de “gramáticas” sócio midiáticas (LUHAMNN, 2011; VERON, 2013) de produção de sentido, bem como da circulação de agressividade. Para a operacionalização deste dispositivo, após a exibição de três vídeos capturados do Youtube, introduziremos tópicos a cerca do tema. Inferimos que talvez a ambiência midiática se constitua como uma referência intermediária incontornável na gestão do social (VERÓN, 2013; MORGAN, 1996) que, ao permitir o fluxo adiante (BRAGA, 2012) possam configurar-se como matrizes representacionais de afetações mútuas (FAUSTO NETO, 2008; GOMES, 2017) e sinalizações de novos sentidos.

1. Introdução

Dentre as várias técnicas usadas pelos pesquisadores de diversas abordagens para a coleta de dados figura àquela constituída pelos grupos de discussão conhecida no campo científico como Focus Group. Assim, a tentativa de observar e estudar o circuito ambiente sobre a circulação da problemática de agressividade entre os adolescentes angolanos que consomem conteúdos violentos nos vídeos da Internet, aproximamos desta técnica objetivando a construção do grupo focal. A preferência pela técnica justifica-se pela materialidade do nosso objeto de estudo. Acreditamos que estudar a problemática de agressividade em adolescentes, no contexto da sociedade angolana, sob a perspectiva da circulação midiática reveste-se de uma tessitura que para além de ser flutuante é de alta complexidade.

¹ Aluno do Programa de Pós-graduação em Ciências de Comunicação no nível de doutorado, katchipwi@gmail.com, UNISINOS.



Falar sobre o Focus Group como técnica de pesquisa científica remete-nos ao século passado sobretudo, seguir a trilha desvendada pelos pesquisadores das áreas das Ciências Sociais segundo Galego e Gomes (2005). Porém, nestes últimos anos, parecer ser comum, entre vários autores, (BLOOR, FRANKLAND, THOMAS & ROBSON, 2001; MORGAN, 1996, 1997; SAGOE, 2012; STEWART, SHAMDASANI & ROOK, 2007; THRELFALL, 1999), afirmar que a sua aplicação tem atravessado outros campos do saber científico, inclusive aqueles ligados ao estudo sobre o comportamento dos consumidores dos produtos da indústria cultural da informação e comunicação.

Não é nosso objetivo fazer uma abordagem sistemática e metodológica do Focus Group como técnica de pesquisa. Mas apenas destacar alguns aspectos de fases iniciais da sua inserção em projetos de investigação científica. Tentativamente a expressão Focus Goup, pode ser definido como grupo de discussão em vista a recolha de dados. Neste sentido é configura-se como técnica de pesquisa à par de outras, como por exemplo: a entrevista, o questionário e a observação participante, utilizadas em diferentes momentos do processo de investigação. Para o efeito, no campo científico é consenso entre autores a sua sistematização, sobretudo, quanto as vantagens e desvantagens durante o uso desta em comparação com outras técnicas ou métodos de recolha de dados (MORGAN E KRUEGER, 1993, MORGAN, 1996, 1997; STEWART et al., 2007; WUTICH, LANT, WHITE, LARSON & GARTIN, 2010). No dizer destes autores esta comparação indica força motriz do seu uso em relação à outras técnicas ou métodos na possibilidade de fornecer e ou providenciar insights sobre às origens de comportamentos complexos e suas motivações.

Na visão de Galego e Gomes (2005, p. 179), acima de tudo o papel emancipador do uso desta técnica, é de que o Focus Group quando assumido como instrumento metodológico para a recolha de dados, ela permite que, “no decorrer do processo de investigação o sujeito objeto de observação, vai transformando as suas estruturas cognitivas, através das relações recíprocas que estabelece no decorrer da operacionalização da técnica, auto descobrindo-se e, portanto, emancipando-se”.

Por sua vez Morgan (1996), constata nestes últimos anos a utilização e combinação do Focus Group com outros métodos de investigação, sobretudo com entrevistas individuais e inquéritos na pesquisa científica, tem aumentado muito especialmente nas análises efetuadas com base nos estudos empíricos de natureza sociológica. Para o autor este aumento deve-se sua peculiar capacidade de observação do grau e da natureza dos acordos e dos desacordos entre os participantes da pesquisa. Assim, para este autor, os Focus Group passariam a apresentar três componentes fundamentais:

- a) os Focus Group são um método de investigação dirigido à recolha de dados. Esta corresponderia a fase inicial em que se proporia a gerar questões para um questionário;
- b) localiza a interação na discussão do grupo como a fonte dos dados. Aqui o foco consistiria na ajuda e na interpretação dos resultados obtidos num questionário;
- c) reconhece o papel ativo do investigador na dinamização da discussão do grupo para efeitos de recolha dos dados. Por sua vez essa fase seria aquela de discutir com os participantes os resultados obtidos. Essa discussão talvez possa conduzir o investigador a construção de a novos insights e inferência.

Dando continuidade Krueger e Casey (2009), para além das características anteriores, afirma que os Focus Group possibilitam a focalização da discussão num dado assunto, ofertam um contributo maior na compreensão do tópico de interesse comum entre pesquisadores e pesquisados, pelo facto dos dois “eu” - “participantes”, possuírem alguma característica em comum e de relevância diante o tema em discussão.

Em resumo nesta pesquisa assumiremos como definição formulada pelos autores Krueger e Casey (2009, p. 15), Focus Grou, “são criaturas especiais no reino dos grupos, sendo que aquilo que os define e os distingue de outros tipos de grupo é o facto de serem dirigidos à recolha de dados qualitativos junto de pessoas com algum tipo de semelhança, numa situação de grupo, através de uma discussão focada”. A partir daqui concluímos que talvez a apropriação e o uso dos Focus Group como técnica, no estudo do fenômeno da circulação midiática da agressividade em adolescentes que consomem conteúdos violentos nos vídeos da internet, possa auxiliar-nos na obtenção de informação sobre um tópico de interesse:

- a) Na geração de hipóteses de investigação;
- b) Na construção de novas ideias e conceitos;
- c) Na percepção dos potenciais problemas sobre a agressividade;
- d) Na compreensão sobre o como os participantes percebem, recepcionam e representam o fenômeno da circulação da agressividade em suas práticas.

2. Etapas da realização do Focus Group.



Na linha de raciocínio dos autores até agora consultados como técnica de recolha de dados o Focus Group compreende um longo processo de interações tanto do pesquisador com os pesquisados (grupo de discussão) quanto destes entre si. À título de exemplo autores como Bloor et al. (2001), Krueger e Casey (2009) e Morgan (1998) são do parecer de que este longo processo implica a tomada de várias decisões e tarefas subjacentes à implementação. Ou seja, neste tópico, parafraseando Morgan (1997), estamos projetando a construção de um instrumento metodológico que possibilite o estabelecimento de pontes interacionais confiáveis que visibilizem os dois lados de um iceberg. E isso não se faz senão por intermédio de um processo cujo início vai do planejamento passa pela análise de dados e culmina na elaboração de hipóteses (MITCHELL E BRANIGAN, 2000). Tentativamente classificaremos este longo processo em 5 etapas.

2.1 - Concepção e fase preparatória da constituição do Focus Group.

Esta fase configura-se como a primeira do longo processo a aplicação do Focus Group como técnica de pesquisa científica ou simplesmente de planejamento. No contexto desta investigação a técnica, os faz recuar no tempo e no espaço. O nosso ponto de partida é uma curiosidade epistemológica que tivemos durante o processo investigativo em vista ao mestrado em Ciências da Educação, vinculado à Universidade do Sul de Santa Catarina, no ano de dois mil e doze (UNISUL, 2012). Naquela época deslocamo-nos para Angola. E em meio conversas com os pais e professores do Colégio de Nossa Senhora da Conceição em Benguela, percebemos uma certa congruência e unanimidade nos seus discursos quanto ao desenvolvimento sócio, técnico e tecnológico no país, ao uso dos dispositivos midiáticos e consumo dos produtos dos bens da Indústria das novas TIC's através da Internet depois do conflito armado em Angola. Ainda segundo o relato deles, o fenômeno observado ocorre tanto nos espaços familiares quanto escolares e também nas ruas. Ainda podemos perceber, nos relatos destes pais e professores, certos atravessamentos discursivos no que diz respeito ao aumento de cenas de agressividade e de violência entre os adolescentes.

Sob a perspectiva da Mídiação e dos Processos Sociais, num processo tentativo de acompanhar os desdobramentos das questões observadas nos discursos destes pais, chegamos à conclusão de que não se trata de uma simples problemática. E sim, uma problemática complexa, cuja profundidade exige voltar o olhar para a formulação de perguntas, sobre os processos e operações implicados na produção e na construção de sentido das ações e práticas



sociais destes sujeitos. Isto nos leva a pensar em uma pesquisa que vise fundamentalmente o estabelecer uma discussão sobre um ambiente que se constitui e se constrói em uma relação dialética – tomando um corpo existencial no choque interacional entre um povo cuja memória está arraigada na cultura da guerra - outro na dos usos dos meios, que podem desencadear e configurar-se como cultura midiática, uma vez orquestrada pelas lógicas e contratos das gramáticas sócio-técnico-linguístico-discursivas, na visão de Fausto Neto (2008), dentro da sociedade angolana. Esta cultura, por sua vez, pode também ofertar aos sujeitos com inúmeras possibilidades canhestras nas formas de perceber, de recepcionar e de interagir dos sujeitos envolvidos, e destes com os objetos à sua volta. Ou seja, isto implica perseguir uma trilha de dúvidas e incertezas que, somente na relação dialética e conflituosa entre os aspetos sócio histórico, cultural, social e à nova realidade circundante podemos construir inferências e levantar algumas hipóteses.

Para tanto, propomos como observar e descrever nas discussões dos adolescentes que constituem o Focus Group, como se constituem os fluxos e circuitos ambientes da circulação do fenômeno de agressividade entre os adolescentes que assistem dos vídeos de violência entre adolescentes angolanos que consomem conteúdos violentos na Internet. E verificar a forma como a sociedade angolana está reagindo à cultura das novas tecnologias da informação e quais os significados os adolescentes angolanos atribuem à circulação midiática da violência em suas práticas nas redes sociais. Ou seja, a ênfase deste Focus Group, recai sobre a discussão a cerca do como cada um dos adolescentes mergulhados na ambiência midiática percebe, recepciona, representa e se representa nos vídeos que contêm cenas de violência ofertados pela cultura midiática.

O nosso objetivo com este Focus Group é, a partir da compreensão dos participantes sobre o que e como percebem, recepcionam e representam o fenômeno da circulação da agressividade midiática em suas práticas, perceber os possíveis fatores facilitadores e construir inferências, ideias e conceitos novos sobre a agressividade entre os adolescentes angolanos; por último levantar hipóteses investigativas sobre o combate à violência e agressividade entre os adolescentes. Explanado o problema da pesquisa inferimos que, como afirmam Krueger & Casey (2009); Morgan (1996, 1998); Stewart et al. (2007) teremos atingido o ponto fulcral na planificação das atividades da pesquisa que elege como técnica de recolha de dados o Focus Group. Segundo Morgan (1998) este ponto fulcral consiste na linha mestra ou norteadora da introdução do tópico de interesse (entrevista/questionário) e no papel adoptado pelo moderador. Na hora da discussão esta linha mestra ou norteadora da introdução dos tópicos de interesse comum, deve privilegiar questões “livres” e “abertas”. E para o efeito, caberá ao



pesquisador o papel de moderador e de suporte na discussão e a elaboração inclusive de palavras e ou temas chave que podem ser classificadas em categorias à medida em que forem recorrentes. Durante a exploração dos tópicos de interesse comum, é possível que emergjam novos insights face aos mesmos (Morgan, 1997, 1998).

Para o efeito Morgan (1997) propõe que os tópicos de interesse comum a serem introduzidos na hora da discussão do Focus Group seja moderadamente estruturado por meio do uso da estratégia do “funil”. E à medida em que a discussão avança elas se tornem mais específicas. Isto é, mais “afuniladas”, parafraseando Krueger e Casey (2009). Desta forma o moderador poderá possibilitar que as pessoas falem e a pensem sobre o tópico de interesse comum, em primeiro lugar a partir das perspectivas do lugar de fala de cada membro do grupo. Em segundo lugar, que a resposta de cada um dos membros do corresponda aos interesses específicos do investigador e aos objetivos da pesquisa.

Na visão de Krueger & Casey (2009) na fase do planeamento, para além do que foi dito, é fundamental que o investigador tenha uma familiarização com os participantes afim de que eles se adequem aos objetivos da pesquisa e para isso será necessário a delimitação do número. Para esta delimitação um dos fatores primordiais é o grau homogeneidade dos grupos. Que o investigador procure nas palavras de Morgan (1997, 1998), das características ou interesses que os participantes tenham em comum. A definição dos participantes do grupo de discussão com características comum poderá gerar discussões produtivas que permita percepção de palavras, conceitos e temas que serão usadas como categorias comparativas e triangulares, abstraídas das respostas dos participantes na hora da análise do conteúdo recolhido. Estando pronta a planificação com os objetivos claros e bem como a definição dos participantes no projeto de pesquisa avança-se na fase que se segue do recrutamento dos participantes ou seja, a fase da preparação.

2.2 - Fase de localização e seleção dos participantes e dos circuitos ambientes constituintes.

Esta corresponde a fase preparatória da constituição do Focus Group. Perseguido a linha de raciocínio de Morgan (1996, 1997) esta fase, exige que o investigador considere o recrutamento dos participantes e as condições logísticas de realização dos grupos bem como localização geográficos das discussões.



A ser o caso, longe de elaborarmos uma pesquisa que generalize os resultados, mas que obtenha um rico conteúdo ao recolher muitas informações, em nossa pesquisa optamos por um estudo que observe as representações sociais da violência e da agressividade por meio da seleção de um caso localizável. Assim sendo, selecionamos como participantes do grupo de discussão 80 adolescentes, subdivididos em 2 grupos de 40 cada, sendo 40 do sexo masculino e 40 do feminino respectivamente. Como critério de seleção optamos pela idade compreendida entre os 14 aos 16 anos; possuidor de dispositivo midiático (Smartphone, Notebook, Tablet, Filmadora, Computador); usuário da Internet e ter uma página nas redes sociais (Youtube, Facebook, Instagram, WhatsApp). Para tanto, como forma de nos acercar do nosso objeto de pesquisa, campo de pesquisa em primeiro lugar tínhamos em mente três instituições privadas de ensino. As razões da escolha destas instituições basearam-se na sua localização geográfica e também por acharmos que talvez os adolescentes que frequentam estas escolas correspondem aos requisitos exigidos na seleção da amostra da pesquisa.

O primeiro contato com ambas instituições foi pelo telefone em 2017. Deste primeiro contato recebemos da primeira instituição logo um não, alegando que o regulamento interno da mesma vetava todo e qualquer tipo de investigação. Já na segunda pediram-nos que apenas poderia ser possível caso o dono do colégio autorizasse a pesquisa. Todavia, teria que ser pessoalmente e não nem por carta e tão pouco por e-mail. Por sua vez a segunda instituição manifestou não só a abertura como também o interesse de colaborar com a pesquisa. E então, descartando a primeira instituição, concentramo-nos nas duas última. Porém, quando nos deslocamos para o campo a fim de oficializar o pedido o dono do segundo colégio consultado não deu abertura e também negou a realização da pesquisa alegando razões que não descrevemos aqui. Desta forma, restou-nos a terceira opção: o colégio Nossa Senhora da Conceição.

Este colégio uma instituição religiosa católica pertencente às irmãs de Santa Doroteia, localizada na Cidade de Benguela em Angola. Segundo relatos do jornal da CEAST “O Apostolado”, o colégio Nossa Senhora da Conceição teria historicamente a sua gênese em 1934 quando a 13 de outubro, Dom Moisés Alves de Pinho, então bispo de Angola e Congo, solicitava à irmã Maria da Gloria Arraino, a também então madre superiora da província de Lisboa, a abertura de uma casa religiosa que se dedicasse ao ensino para a sua diocese. O objetivo do pedido do prelado era conseguir uma congregação feminina que se suprisse a falta de colégios voltados à educação meninas. Em 1937, Dom Moisés, reforça o convite à Madre Superiora Maria da Gloria Arraiano afirmando que se importasse, usando de diplomacia, com os de Benguela; pois já tinham comprado casa e estão a contar com as Irmãs. Dentro de pouco



tempo, o convite é reforçado pelo Dr. Germano Antunes do Amaral. E então, a todo o vapor colonial, a instituição abraça a causa e destaca para a nova missão quatro freiras Doroteias que chegam a Benguela no dia 10 de abril de 1939, data da fundação e abertura do colégio por meio das irmãs Maria da Glória Arraiano, Maria Luísa Esteves, Maria da Graça Cabral Cavaleiro e Margarida Ferreira. Neste ano, apesar de algumas dificuldades, as Irmãs deram o seu melhor e conseguiram abrir as primeiras salas de aulas, atendendo às necessidades da época. Para além do ensino acadêmico a irmãs também se dedicaram a lecionar a disciplina de formação humana crista e catequese. Findo este primeiro ano por causa dos resultados satisfatórios que obtiveram elas viram-se obrigadas a subir o número de meninas para 81 e a ampliar o espaço construindo novas salas. Destarte a 31 de maio de 1947 foi feita a bênção da primeira pedra para o edifício do colégio concluído 10 anos depois, com as alas direita e esquerda, interligadas pela capela e o pavilhão para os pianos. O ano de 1959 foi consagrado para a construção da Casa de Trabalho (Lar Santa Paula) e 1960 o ginásio desportivo. Em toda a sua logística arquitetônica, o colégio visava na época, em um sistema de internato e semi-internato, a educação como boas donas de casa quando adultas e de modo geral para a inclusão social de crianças e meninas das classes pobres e completamente abandonadas. O tempo foi passando e, houve necessidade de se adequar ao sistema global de ensino no País. E o colégio teve que adoptar os cursos dos Liceus e a instrução primária ser para as escolas oficiais. Todavia, devido aos desdobramentos da guerra civil e da lei da nacionalização do ensino em Angola em 1978 as Irmãs deixaram o colégio, que passou a ser gerido pelo Ministério da Educação como propriedade estatal. Devido às mudanças políticas do país, a pedido de D. Óscar Braga, Bispo da diocese de Benguela, foi entregue à respectiva Congregação das Doroteias. No ano de 1991 com o processo da assinatura do processo da paz o colégio foi reaberto. Porém, não apenas para atender as meninas e sim, também meninos, ou seja, todas crianças e adolescentes do ensino primário. Atualmente está em funcionamento com os três níveis do ensino: I, II e III, totalizando um número de aluno de aproximadamente 2000.

O enfoque desta nossa descrição topográfica ou delimitativa, como anunciamos pode nos permitir fazer um tensionamento relacional com o nosso objeto de pesquisa e então, cognominar esta instituição de ensino como “campus” de pesquisa. Por conseguinte, tomaremos de empréstimo o conceito de “campus” amplamente desenvolvido por Pierre Bourdieu em suas obras tais como “O poder simbólico” (1989), “As regras da arte (1992) e sobretudo na obra “Os usos sociais da ciência” (2004, p. 22-23). Nesta obra o autor entende “campus” lugar de tomadas de posições, de tensões, de lutas e disputas de poder. Para ele todo “campus” “é um campo de forcas e um campo de lutas para conservar ou transformar esse



campo de forças”. A importância de discutirmos esta questão consiste justamente pelo fato de que no âmbito da midiatização, o “campus” converte-se no espaço fomentador do “fluxo” e do “contra fluxo” descrita por Braga (2011, p.7) como “a necessidade de previsão da escuta possível na composição da “fala” a ser posta em circulação. Ainda ancorado ao parecer deste autor supomos que, observando o que ocorre no “contrafluxo, talvez possamos produzir, epistemologicamente falando, conhecimento “a partir das respostas que pretendemos, esperamos ou receamos”, na interação social com os adolescentes que os constituem e os fazem existir, pelas relações que aí estabelecem. Nestas interações sociais, a compreensão do conceito de campo pode revelar-nos o que os adolescentes em estudo “podem ou não fazer” e “dizer”, através da estrutura sócio histórico cultural e das suas “relações objetivas” (BOURDIEU, 2003, p. 23).

Resumindo o que vimos dizendo, tendo estabelecido os critérios da seleção dos participantes, entramos em contato com a instituição de ensino por meio de uma carta de anuência oficializamos a pesquisa através da elaboração de três Termos de Consentimento livre:

- a) um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – deverá ser submetido aos pais dos adolescentes;
- b) um Termo de Assentimento (TA) – para os adolescentes, e um Termo de Consentimento Livre;
- c) Esclarecido (TCLE) – deverá ser submetido aos produtores dos vídeos a serem observados respectivamente.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE é o documento mais importante na análise ética de um projeto de pesquisa que envolve os seres humanos. Segundo a Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS) n.º 196/96, em seu item II.2, o TCLE pode ser de aplicação "individual ou coletivamente, envolva o ser humano de forma direta ou indireta, em sua totalidade ou partes dele, incluindo o manejo de informações ou materiais." Neste sentido ele torna-se um documento obrigatório em pesquisas onde serão realizados quaisquer tipos de intervenções diretas ao participante, tais como entrevistas, Focus Group, entre outros. Desde que devidamente justificada, pode-se solicitar a dispensa do TCLE, cabendo decisão do Comitê de ética da Pesquisa emitir parecer favorável ou não. Porém, sempre levando em consideração de que toda a pesquisa científica constitui-se como um tipo de atividade estruturada para desenvolver ou contribuir para o conhecimento generalizável, assim entendido como aquele acessível a toda a sociedade. Esse conhecimento generalizável



consiste em teorias, princípios ou relações, ou acúmulo de informações em que se baseiam, que podem ser corroboradas por métodos científicos.

Com estes termos objetivamos oferecer tanto à instituição de ensino onde se localizam os participantes do Focus Group quanto eles próprios assim como os seus encarregados de educação ou responsáveis dos menores a oportunidade de cada um deles tomar a liberdade de decisão em participar ou não da discussão da temáticas em estudo: “a circulação da agressividade na ambiência midiática”. Ou seja, o aceite ou não constituirá um dos pontos fortes do processo sistemático sobre o recrutamento dos participantes. Para tanto, em média o tempo mínimo de contato, encaminhamento da carta de confirmação do recrutamento ou seleção dos participantes duas semanas antes (MORGAN, 1998) informando a hora e o local da realização do Focus Group.

Para autores como Bloor et al. (2001), Rodrigues et al. (2007), Stewart et al. (2007), envio de textos via mensagens de celulares (MCPARLAND & FLOWERS, 2012), via Facebook, Instagram, WhatsApp, com alguns informes e eventuais encontros com os potenciais participantes podem servir como estratégias de para fortalecer, aumentar a interação do investigador com os elementos do grupo. Além disso podem também servir como meio para clarificar possíveis dúvidas sobre por exemplo, os objetivos do estudo, as regras de participação, o tempo estimado de duração da discussão, e as condições do local para a realização da discussão do Focus Group, evitando deste modo abandonos precoces (BLOOR et al., 2001).

2.3 - O papel do moderador na discussão do tópico de interesse comum: o eu do pesquisador e o eu do pesquisado.

Para a introdução do tópico de interesse comum em vista ao norteamento da discussão no Focus Group, tomamos como referência geral os 11 vídeos que servirão como referências na observação, descrição dos indícios para a construção de inferências indutivas, criativas e livres a respeito da circulação da agressividade midiática no contexto histórico sócio técnico e tecnológico de angolano. Destes vídeos selecionámos três vídeos que foram produzidos e postos em circulação no fluxo adiante através das redes sociais (youtube), por atores sociais (Instituições canônicas e não canônicas) ² angolanos.

² Com a expressão Instituições Canônicas e Não Canônicas, queremos fazer uma leitura da sociedade angolana em transformação da “sociedade dos meios” para a “sociedade midiaticizada” como consequência da interrupção do “contato direto” (LUHMANN, 2005) entre os indivíduos pela presença das mídias. Se na primeira a confiabilidade das informações provinha das instituições tradicionais hoje, as mídias estão em uma “zona de contato” com os demais campos sociais. Isto significa dizer que os campos estão em interação, não conformados

- a) “Jovens entram em pancadaria no Belas Shopping”³;
- b) “A Megaoperação Policial”⁴;
- c) “Jornal Nacional Angola – Criminalidade”⁵.

Na seleção destes vídeos fomos pautados pelos critérios classificatórios estabelecidos pelos autores tais como Yves Michaud (1989), Muniz Sodré (2002) Corsini (2004), Costa e Vale (1998), e Feshback citado por Ramirez (2001) acerca do que eles entendem como cenas de violência. Para os autores cenas de violência são todas as ações dos indivíduos que, nas interações e disputas de interesses envolvem ou são acompanhadas de:

- a) Cenas de agressões físicas tais como socos, chutes, bofetadas, pauladas, estaladas, mordidas, arranhaduras, machucados, queimaduras e puxões, uso de armas de fogo ou não para intimidar;
- b) Cenas de agressões verbais associadas ao uso de palavras humilhantes, pejorativas, vexatórias, xingamentos, críticas, sarcasmos, zombarias, ameaças para intimidar com armas de fogo ou arma branca;
- c) Cenas de agressões emocionais ou simbólicas equivalentes à rejeição, depreciação, discriminação, humilhação, desrespeito, invasão de privacidade e punições.

Sem a pretensão de investigar sobre a origem e ou por que do “uso da violência”, de criar um laboratório psicoterápico de resolução dos “conflitos de interesses entre os homens” (FREUD 1933, p.198), como moderador deste Focus Group objetivamos promover uma auto revelação entre os adolescentes da amostra por meio de um clima confortável, respeitador e livre. Em suma de alguém que mantém o fluxo das discussões oportunizando a participação de todos. Para os desdobramentos desta técnica Krueger e Casey (2009), propõem a criação de uma equipe de moderadores:

- a) um moderador, que teria como principal missão a condução e a manutenção da discussão;

por suas fronteiras enquanto territórios estáticos. Na sociedade midiática as atividades dos campos e dos indivíduos estão revestidos predominantemente de um caráter simbólico e suas práticas discursivas movem-se instituindo processos e estratégias e disputas de sentido entre os atores (RODRIGUES, 1999). Portanto, a produção das informações provém das interações praxiológicas entre os indivíduos.

³ Este vídeo de apenas 1 minuto e 33 segundos foi produzido em maio de 2013 por um ator social anônimo e posto em circulação no seu canal. Neste mesmo ano foi capturado, tornado pauta do Jornal Nacional na TVZimbo, pode ser localizado através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=fU7ve14P69M>. O pesquisador o acessou no dia 23 de março de 2018.

⁴ Este vídeo que por sua vez tem a duração de 3 minutos e 38 segundos, foi produzido em janeiro de 2012 pela TPA, exibido no Telejornal em cadeia nacional e posto em circulação no youtube pode ser localizado através do link: <https://www.youtube.com/user/SamirBVKM>. Data de acesso, 23 de março de 2019.

⁵ Em último lugar este vídeo com a duração de 3 minutos e 35 segundos foi produzido pela TPA em 2012, se encontra disponível no Youtube através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=AU2udMMWAD8>. Foi acessado pelo pesquisador no dia 23 de março de 2018.

- b) um auxiliar de moderação, cujas principais tarefas seriam a gestão do equipamento de gravação, estar atento às condições logísticas e do ambiente físico, dar resposta a interrupções inesperadas e tomar notas sobre a discussão do grupo.

No caso concreto desta pesquisa, por meio deste Focus Group e da formulação dos tópicos de interesse comum, retomando o parecer dos autores aqui citados, o foco da moderador é de um questionador ouvinte, que objetiva colher informações sobre o como estes adolescentes representam, em suas práticas e discursos; Que sentidos e significados atribuem aos conteúdos dos três vídeos selecionados. Para o efeito, após a exibição de cada um dos três vídeos aos 80 adolescentes da amostra, introduziremos perguntas como por exemplo:

- a) depois de assistir a este vídeo diga o que você percebeu e o que acha de tudo o que viu. Em relação a agressividade dê a sua opinião sobre os momentos em que você acha que apareceram cenas de violência. Na sua opinião o que você acha que teria levado os adolescentes do vídeo a se envolverem em atos agressivos?
- b) o que você acha dos usos de armas de fogo e dos adolescentes que consomem drogas? Na sua opinião você acha que na cidade de Benguela existem adolescentes que fazem manuseios de armas de fogo e usam drogas? Se sim, diga por que eles o fazem?
- c) o que você acha das pessoas envolvidas no vídeo: a atuação da polícia; a atitude do Chá Preto que matou a senhora com armas de fogo; a mulher que foi apanhada a vender a liamba, do segurança que participou do assalto à empresa aonde trabalhava; dos estrangeiros apreendidos durante a operação; e por último da atuação dos Bombeiros Voluntários durante os dois incêndios. Na sua opinião diga em poucas palavras qual seria a melhor forma de combater a criminalidade e a agressividade na sociedade angolana?

Ao elencarmos estas perguntas para direcionarem os debates e as discussões neste Focus Group, inferimos que alcançaremos resultados possam ser efetivos para a compreensão sobre o que os adolescentes pensam, sentem ou ainda sobre a forma como agem depois de assistirem os vídeos.

2.4 - A recolha e análise dos dados.

Nos Focus Group, esta parece constitui a fase de um árduo processo investigativo que exige do pesquisador uma atenção redobrada. Para o efeito, antes de tudo neste tópico, parafaseando Bloor et al. (2001), Galego e Gomes (2005) faremos recursos a filmagem, a

observação participante, sobretudo, anotando as expressões faciais, gestos, tom de voz e os contextos em que os discursos foram proferidos e a transcrição de todo o material coletado. O objetivo aqui é a busca de uma visualização e reprodução o mais fiel possível do que ocorreu no grupo durante a introdução e discussão do tópico de interesse comum visando uma aguçada percepção de todas as interações ocorridas ao longo da discussão do grupo e é ela que constituirá a base de decodificação, de interpretação e de análise de dados.

A propósito da análise de dados dos Focus Group, Morgan (1996, 1997) e Bloor et al. (2001) são do parecer de que esta técnica é usada em várias abordagens de análise dos dados qualitativos e de diversas formas. Porém deve ser sempre de modo sistemático, criterioso e rigoroso para evita a dispersão ou a generalização dos resultados. Querendo categorizar estas diversas formas os autores afirmam que de modo genérico, este tipo de análise decorre ao longo de três etapas:

- a) codificação/indexação: a leitura que fazemos deste tópico é de que traves aqui se trate de fazer uma leitura observacional aguçada do material que envolve não só a leitura e transcrição em si. Em estabelecer um contrato de leitura que permita o desencadeamento processual que permita a atribuição de categorias que reflitam os temas presentes no tópico introduzido de interesse comum bem como a construção de tópicos emergenciais novos por meio de inferências durante o processo da discussão do Focus Group;
- b) armazenamento/recuperação: esta fase é dedicada à compilação de todos os extratos do texto subordinados à mesma categoria de modo a poder compará-los. Fazemos ressalva afirmando que, este tópico pode ser realizado manualmente pelo pesquisador ou por meio de programas informáticos construídos para estas finalidades; sem, porém, perder de vista os contextos de onde os referidos textos foram extraídos assim como os dos sujeitos envolvidos;
- c) interpretação: por sua vez esta fase corresponde aquela de uma leitura analítica, sistemática e criteriosa dos dados por meio de métodos específicos tais como por exemplo a indução e dedução que levará o pesquisador a instaurar um processo construtivo de inferências abduativas.

2.5 - Divulgação dos resultados da pesquisa científica

Divulgação dos resultados, como o próprio subtítulo já nos revela o sentido, caracteriza-se por um texto final que tem a função de relatar os resultados das discussões provenientes da pesquisa científica. Desta maneira, em forma de relato, ele se materializa nos resultados que podem ser publicados em revistas, livros, e ou, em outros meios, “a fim de



divulgar conhecimentos, de comunicar resultados ou novidades a respeito de um assunto, ou ainda de contestar, refutar ou apresentar outras soluções de uma situação convertida” (SANTOS 2015, p. 33).

Nas pesquisas que adotam a implementação dos Focus Group como técnica de recolha de dados, considerando os objetivos da investigação, a divulgação dos resultados é feita geralmente sob a forma de relatórios escrito. Este relatório permitirá que o moderador faça a transcrição de frases que possibilitem a identificação e categorização de algumas palavras frequentes durante os debates ou as discussões. Para Morgan (2010) a transcrição das frases, o relato de citações e a identificação das categorias constituem uma em si mesmo uma parte importante da investigação qualitativa pelo fato de fornecerem evidências credíveis da análise realizada. E, permitem uma ligação direta entre o conteúdo mais abstrato dos resultados e os dados gerados, para além de constituírem uma conexão mais forte entre o moderador e os discursos dos participantes.

Sob esta perspectiva levantamos a hipótese de que talvez a divulgação dos resultados seja uma forma de dar um retorno não só à comunidade acadêmica, a sociedade em geral e também de certa maneira, aos participantes e como a concretização do “finis coronat opus”⁶. Ou seja, a publicação marca o fim do círculo do processo da pesquisa científica de acordo com o seu planeamento. Metodologicamente, o uso do Focus Group como técnica de pesquisa está dirigida à recolha de informação, tipicamente de natureza qualitativa, procurando aumentar a compreensão das pessoas sobre um dado tópico, cuja fase mais visível, reside no processo da moderação dos grupos. Esta, por sua vez, começa na fase do planeamento e termina naquela da divulgação dos resultados.

Portanto, diríamos que ela se constitui como processo de interações complexamente contínuas entre as fases que o compõem. Ou seja, parafraseando Braga (2011), ao adotarmos o Focus Group como técnica de recolha de dados sobre a circulação da agressividade em adolescentes angolanos, que consomem conteúdos violentos na Internet, faz-nos enveredar por um caminho de alta complexidade. Pois, não sabemos quais resultados obteremos e ou encontraremos a partir das discussões. Contudo, estamos esperançosos de que, entre cruzamentos e confrontos de dados recolhidos das discussões oriundas do Focus Group, talvez possamos fugir e ou minimizar os riscos da generalização dos resultados. E, a partir daí, perceber possíveis aproximações, defasagens e disrupções que, eventualmente possam existir, tanto na circulação da agressividade entre os personagens dos vídeos quanto na sua

⁶ Expressão latina que significa “o fim coroa a obra”. Ou seja, a obra está completa, de acordo com o seu planeamento.



representação pelos os adolescentes. Estas possíveis aproximações e defasagens nos permitam construir inferências indutivas, dedutivas e abdutivas, que venham em demanda da problemática em estudo e dos objetivos traçados para esta pesquisa.

Referências Bibliográficas

BOURDIEU, P. A dominação masculina. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BRAGA, José Luiz. Dispositivos Interacionais. XX Encontro Nacional da Compôs. Apresentado no GT de Epistemologia da Comunicação, XX Encontro Nacional da Compôs, Porto Alegre, 2011a.

FAUSTO NETO. Fausto Neto, A. Fragmentos de uma «analítica» da midiatização. Revista Matrizes, (2), 2008, pp. 89-105.

GOMES, Pedro Gilberto. Dos meios à midiatização: um conceito em evolução, Vol. 1. São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 2017.

LUHMANN, Niklas. Introdução à teoria dos sistemas. Petrópolis: Vozes, 2011.

MORGAN, D. L. Focus group. Annual Review Sociology, (22), 1996, pp. 129-152.

VERÓN, Eliseo. La Semiosis Social 2: ideas, momentos, interpretantes. Buenos Aires: Paidós, 2013.